2.º Anno — Quinta-feira, 27 de Abril de 1893 — Numero 63

Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSAVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 26 de abril

—

As concessões africanas

Dão os progressistas o nome d'escandalo ás concessões do ministro da marinha na Zambezia. O *Primeiro de Janeiro* tomou á sua conta o ministro, e se por um lado não deixa de ter razão, por outro é injusto e não argue os mais culpados, antes pretende escondel-os á indignação publica.

Ha, de certo, um erro em *consentir* que se transfiram para estrangeiros, e principalmente para inglezes, as concessões feitas aos nacionaes em qualquer provincia ou zona africana; mas não chamemos escandalos a essas transferencias, visto haver *uma lei que as permitte sem a approvação do governo!*

Aquelle titulo quadra especialmente ás concessões que se fizeram na grande orgia progressista, e o *Primeiro de Janeiro* só se escandalisa das posteriores á 91 e não das antecedentes.

Ora, nós vamos ensinal-o a escandalisar-se.

Havia uma cautelosa, previdente e necessaria lei, que colhia a venda ou transferentia para os estrangeiros dos terrenos concedidos em Africa, *sem que fosse* approvada pelo governo.

Uma companhia, a quem os *respeitaveis* estadistas do progresso alongaram o praso em que devia constituir-se, passou *a outra* uma concessão em Moçambique, e n'esta ultima entrava o banqueiro *Penha-Longa, compadre* do *chefe immaculado*, que não precisamos indicar pelo seu nome.

O compadre queria transmittil-a a uma *companhia ingleza*, acto que, *segundo a lei, só seria valido* se o governo o approvasse.

Mas, na hora em que a Inglaterra nos disputava antigos direitos e ameaçava com roubar-nos uma parte d'aquella provincia, que pouca vergonha enorme não seria approvar o governo progressista a venda de terrenos immensos áquelles mesmos que pretendiam expoliar-nos, e n'uma zona visinha da questionada?

Seria dar a mais frisante prova d'uma ignobil e criminosa indifferencia pelo paiz.

Não a approvaram, mas deram a mesma prova juntando-lhe ainda o sophisma e a perfidia.

De que se não hade lembrar o chefe sem mácula e o devoto Barros Gomes, então ministro interino da marinha?

Inventam uma nova lei, *que permitte o arrendamento perpetuo, o que vale o mesmo, que a venda e na qual emittem a approvação do governo!!*

A lei passa, a maioria tudo vota, e o compadre banqueiro dentro em poucos dias gabava-se de ter ganho 60 *mil libras* sem ter sahido do seu escriptorio!!

Póde escandalisar-se o *Primeiro de Janeiro* de que os portuguezes sem patriotismo transfiram para estrangeiros, nossos competidores, as concessões, que lhes foram feitas no Chire e em Quilimane, mas *antes* ha de escandalisar-se da *lei que o permitte*, obra dos seus amigos.

Essas transferencias não deviam consentir-se sem a approvação do governo.

Era pelo restabelecimento d'essa clausula, que devia começar o actual ministro da marinha; não o fez assim— eis o seu erro.

Mas o escandalo está na lei progressista.

Lourenço d'Almeida Medeiros.

CONFRONTOS

XV

Da secção—Lettras e Lerias—do *Povo d'Ovar* do sr. Fragateiro, de 29 de dezembro de 1889:

«O Carga d'Ossos e o Placo— Os roubos d'hoje e os roubos d'hontem.—O Carga d'Ossos é o prototypo do roubo, como o Placo é o prototypo da estupidez empavesada. Ambos, só podiam coexistir no meio da depravação e da brutalidade. Outr'ora viveram por ahi incubados sem fazer barulho para que qualquer trabalhador honrado os não esmagasse com o pé. Depois, um foi crescendo nos crimes, locupletando-se com os roubos: o outro viu roubos accumulados e vendendo-se comprou-os.

Por isso aquelles appareceram passado tempo e valendo-se do dinheiro de terceiro semearam a corrupção para no meio d'ella viverem com o producto d'antigos roubos.

Até n'isso o crente póde vêr o dedo de Deus. Emquanto os prados estão cobertos de flores e os passaros gorgeiam nas arvores á luz clara do sol, os *ralos* vivem no fundo das tocas e só na noite calma, silenciosa, arriscam um cantar roufenho que pára ao menor ruido...

O Carga e o Placo são os *ralos* da sociedade.

O Carga é ainda moderno nos roubos. Ainda todos o conheceram pobre, roubando a mãe e depois a irmã.

Mas os roubos do João, d'aquelle que desceu á cova cheio de maldições e dos quaes o Placo tirou resultado, são de mais tempo. Os do Carga podem ser chamados: os d'hoje; os do João podem ser chamados: os d'hontem.

Uns e outros não prescreveram ainda á face da consciencia publica. Qual dos ladrões foi mais audacioso nos roubos?

Eis o que se não póde averiguar.

O Carga rouba em Ovar: o João roubou em Lisboa.

O Carga distingue-se do outro por ser um ladrão mais porco, mais infame—roubou a mãe e a irmã.

Estes dois typos collocam a minha terra á altura das maiores cidades na craveira dos roubos: póde-se dizer até que só elles commetteram tantos como os praticados durante dezenas d'annos no pinhal d'Azambuja.

Na minha opinião mereciam uma... estatua.

N. B.—Não vale a pena lembrar ao Carga d'Ossos.—*João*».

Lembremos nós ao sr. Fragateiro o seu passado e chamamol-o a responder.

E' capaz?

*

Uma interessante noticia do orgão do sr. Fragateiro, de 14 de novembro de 1886:

«Historia do appellido Limonada.—Faz agora 7 annos, pouco mais ou menos, que um larapio de Villa Nova de Gaya veio a esta terra e na feira do gado suino que se costuma realisar no Largo dos Campos, roubou umas poucas de libras a um lavrador.

Esse individuo foi preso n'esse mesmo dia.

Ao interrogatorio, em presença do juiz, deu como nome Limonada. O juiz perguntou-lhe:

—Então você chama-se simplesmente Limonada?

—E' o meu appellido e não tenho outro nome.

Ao ladrão ninguem chamou mais outro nome — era Limonada.

Tempos depois um individuo, attendendo ao caracter e costumes d'um certo sujeito d'Ovar chamou-lhe Limonada. Este achou-se bem com o titulo que lhe conferiram e ficou com elle.

Esse sujeito tornou-se *cabeça* d'um grupo de vadios e arruaceiros e esse grupo tomou o titulo do Cabeça.

Eis por que ha um grupo que se chama *Limonada*.

Limonada como se vê é synonimo de *ladrão*, mas ladrão porco, ladrão de feira.»

Esse grupo não existe ainda, sr. Fragateiro?

*

«O assalto á Estrumada.—Quarta-feira proxima, á noute, os pescadores das companhas *affectos* foram em grande algazarra dar um assalto em regra á Estrumada.

Grandes bandos de pescadores, de machado ao hombro, atacaram os melhores pinheiros, mesmo proximo á estrada e casa da guarda. Era uma devastação espantosa.

Tornavam-se mais salientes no saque os pescadores da companha do Polonia.

O povo mais visinho á Estrumada veio a correr á praça, gritando: Aqui d'el-rei contra os ladrões, chamando pelas auctoridades que acudissem aos bens do municipio.

Os pescadores diziam que tinham ordem para roubar, que tudo aquillo era agora d'elles. Entretanto o povo ia-se levantando cada vez mais e os *politicos* tiveram medo da *avalanche;* então o Polonia mandou tocar a businа e depois foi á praça mandar vir a tropa.

Ao signal da businа fugiram a maior parte dos pescadores.

A tropa de infanteria e cavallaria, de envolta com os caceteiros, lá foi para a Estrumada. Antes de chegar o administrador do concelho a cavallaria prendeu 5 pescadores, mas a auctoridade administrativa mandou pol-os á solta.

Depois andaram em correrias e prenderam 3 homens do Sobral.

Quando se deu o assalto, todos diziam: andou-se a poupar tantos annos a Estrumada para os Limonadas a levarem toda d'uma só vez.

Ahi tem o concelho o inicio d'administração d'esta gente. Elles são *Limonadas* e tanto basta.

Limonadas! Limonadas! levae os bens do concelho d'uma só vez e não andeis a incommodar o concelho com palhaçadas indignas como as que obrigasteis a tropa a fazer.

Limonadas, sois mais *Limonadas* do que o preso de ha 7 annos.

Roubai, fartai-vos de roubar, villanagem; agora é o vosso tempo.»

Eis a doutrina do sr. Fragateiro em 14 de novembro de 86.

Agora que elle é vice-presidente da camara, calla-se.

Estrumada! Estrumada! O teu defensor de 86 dá-te a morte em 93!

Voltas do mundo...

*

«O rei Bamba tem muito dinheiro, no dizer d'elle, para livrar os dois filhos.

O' rei Bamba, dá cá o pé.»

(*Povo d'Ovar* de 22—maio —87.

«O rei Bamba manda tudo. E' um rei glutão?»

(*Povo d'Ovar* de 1.º—maio —87.

Parodiemos.

O sr. Fragateiro manda tudo. Será tambem um rei glutão?

Porque se passou o sr. Fragateiro?

E' do *Povo d'Ovar* do sr. Fragateiro, de 12 de setembro de 1886, os seguintes periodos:

«Em tempos que já lá vão, a Estrumada foi avaliada proximamente em 500 contos.

Bastantes kilometros quadrados, tendo por limite a villa e os areaes movediços que bordam a praia, fechados de pinheiros enormes, collossaes, uma fonte de receita do povo pobre a quem era dado cortar os ramos seccos.

Quando João de Castro quiz pôr em pratica o projecto da venda annual e parcial da Estrumada, dividindo-a para esse effeito em partes eguaes, o povo, ignorante, receioso de se

lhe arrebatar a sua preza levantou-se, revolucionou-se e não consentiu que se effectuasse essa venda competentemente auctorisada.

Esse movimento produzido por combinações politicas, que encontraram o animo do povo predisposto para as acceitar, ligou os vencedores a uma obrigação—a não consentirem em tempo alguma a venda de qualquer parte da Estrumada.

O compromisso tomado apenas moralmente tornou-se n'um prejuizo arreigado tanto na mente do povo como na dos administradores camararios.

O projecto de João de Castro cahiu então porque a administração d'este homem politico não tinha um nome immaculado, puro como deve ter, muito embora João de Castro fosse um caracter austero, um homem digno e honrado.

Em politica, e principalmente n'esta politica pequena, tristemente celebre que por ahi se debate é necessario, não só fazer boa administração mas mais ainda parecer que se faz.»

Quem deu, pois, auctoridade ao sr. Fragateiro para o que tem feito?

PROPOSTAS

—

A Estrumada—pinhaes municipaes—vulgarmente assim chamada porque a sua sementeira de penisco e tojo, era feita em pequenos tratos de terreno das grandes dunas de areia, que ameaçavam constantemente submergir a villa, e que eram abrigados com uma sébe de ramos e pinheiros, denominadas tranqueiras, que se não fazem desde 1887, e cobertos com caruma, que por esta fórma se iam preparando, resguardando, e desenvolvendo, ainda que vagarosamente e durante seculos, existindo hoje a tradicção de que foi devida a um imposto de capitação dos seus moradores.

Estes pinhaes municipaes são cortados por diversos caminhos publicos, em toda a sua extensão de norte a sul, que da villa seguem para a Costa do Furadouro, caminhos que primeiro atravessam os pinhaes particulares que ficam na testa dos municipaes.

Lembrou-se porém o sr. Fragateiro, depois que de parceria com o *seu presidente e chefe*, sr. Valente, alcançou *o seu meio, o seu ideal e empunhou o seu camartello civilisador*, com que tem *destruido* uma grande parte, a principal, dos velhos e novos pinhaes municipaes pelo processo que aqui se tem descripto, de eliminar e supprimir todos esses caminhos, porque só servem para o roubo dos pinhaes municipaes, e de conceder os seus terrenos, alguns importantes, *a alguns* dos seus confinantes.

E começou a pôr em execução o seu plano com o caminho da travessa das Almas, como se vê do seu *Povo d'Ovar* de 16 do corrente.

—«Deferiu o requerimento de Francisco Pereira Carvalho, dos Campos, d'esta villa, em que pede para vedar um caminho que estando inutilisado de entulho dá sahida para a Estrumada.»

No dia 20 de manhã foram os srs. vereadores Polonia e Martins alinhar, demarcar ou examinar este caminho. Uma mulher qualquer viu do que se tratava e começou logo gritando que esse caminho era publico, que já vinha dos seus antepassados, que o não queria tapado; aos gritos d'esta acodem outras mulheres e rapazes; um d'estes toca uma buzina, e mulheres e rapazes apparecem de todos os cantos, e todos em grita protestam que não querem o seu caminho tapado, que é a sua servidão. Os srs. vereadores Polonia e Martins, em vez de socegar aquelle agrupamento, não inferior a 200 pessoas, retiraram pelos pinhaes municipaes, tomando a estrada que da villa segue para o Furadouro, e aquella gente seguiu então para a Praça, onde estacionou pedindo e gritando «queremos o nosso caminho livre e desembaraçado, etc.» e, depois de fazer por esta fórma o seu protesto recolheu a suas casas.

No dia 21 de tarde ouve-se tocar o sino da cadeia, signal de chamar o carcereiro ou qualquer official de diligencias, toca-se navamente a buzina, e os caminhos da Oliveirinha, Lamarão, tambem condemnados a serem tapados, e o da travessa das Almas, apparecem n'um momento cheios de mulheres, homens, rapazes, todos resolvidos a expôrem que os seus caminhos não deviam nem podiam ser tapados, e toda esta gente, que era muita, desapparece e retira em boa ordem, depois de vêr que se não tratava de tal.

Já os primeiros protestantes tinham feito o seu requerimento á Camara, fazendo-lhe vêr que o caminho da travessa das Almas não podia nem devia ser tapado sem grave prejuizo publico, e pedido que se caçasse a licença concedida a Francisco Pereira Carvalho e se mandasse reparar o mesmo caminho—requerimento que foi logo coberto de assignaturas, assignando um homem a rogo dos homens e uma mulher a rogo das mulheres—assignaturas que estavam para ainda se completarem, quando o sr. dr. Cunha se encarregou de o apresentar, depois de ter assegurado á pessoa que o tinha em seu poder, e na occasião em que lhe prestava os seus serviços clinicos, que o caminho se não tapava.

O sr. Fragateiro estava na camara no dia 20, mas não se dignou, apesar dos seus bem conhecidos dotes oratorios e que são a sua grande força, receber e acolher os peticionarios, talvez, por serem mulheres e canalha. Tem, porém, mandado ir á sua presença algumas d'essas mulheres e d'essa canalha, ameaçado com processos, cadeia e tropa, empregando n'essas diligencias o seu benemerito official Farrapeira, de quem escreveu a historia, hoje confrade, e outros, constando que já fizera e dera participação para juizo contra 24 ou 27 mulheres!!!

No dia 20 os srs. juiz de direito e delegado, que já tinham feito audiencia, presenciaram, rindo-se, na Praça as revoltadas e os revoltados, retirando-se o sr. juiz para fazer a barba em casa do seu barbeiro que fica ahi, e o sr. delegado, depois de ter comparado uma das *revoltadas* a Luiza Michel.

Mencionemos agora um outro acontecimento do dia 21, para que ninguem duvide do que vale e é capaz o sr. Fragateiro, *armado do seu camartello civilisador de destruição.*

As avenidas da Ponte e Fonte do Casal já estão *limpas* da cantaria que as vestia; aberta uma entrada para o pinhal do sr. Fragateiro e accrescentado o muro d'esse lado para o vedar. Junto a este pinhal tem o sr. Fragateiro uma propriedade lavradia, que é cortada por um rego coimeiro, de norte a sul, para esgoto das aguas que veem da Fonte do Hospital e das outras propriedades que atravessa e vão cahir n'um outro bastante largo, de nascente a poente, que tambem recebe as da Fonte do Casal e as leva todas ao rio.

A aba da Fonte d'esse lado, apesar da *limpeza* da sua cantaria, ficou ainda muito alta, tendo uma boa porção de terreno solido para se amparar.

De que se ha de lembrar porém o sr. Fragateiro?

Tirar o rego da testada da sua propriedade e passal-o para junto da aba da Fonte, profundar ahi o terreno muito abaixo dos seus alicerces para encanar em aqueducto coberto as aguas que vem desde a Fonte do Hospital, e conduzil-as todas, com as da Fonte do Cazal, ao rio, que está pelos assoreamentos, ha muito, quasi ao nivel da Fonte do Cazal, e tanto que um pequeno volume das suas aguas a innunda e alaga!

Succede, porém, que no dia 21 a certa altura d'este serviço do sr. Fragateiro, para melhorar as condições das fontes e rego coimeiro, que não para accrescentar a sua propriedade, a aba da fonte desaba quasi toda e felizmente sem outra desgraça, além da da *sua destruição.*

E cabe aqui fazer justiça ao sr. Fragateiro, que depois de tal successo se apresentou no local, ralhou com os seus operarios, chamou-lhes brutos por terem profundado tanto, etc., os operarios tiveram de desculparse, que fôra o pae do sr. Fragateiro que os mandara profundar assim, etc., e o sr. Fragateiro, filho, justamente indignado, exclamou então, «agora é que *elles* se riem», como se tudo isto fosse caso para rir.

A Fonte do Hospital é uma obra toda de cantaria, de valor e digna de vêr-se. Na sua inscripção lê-se ainda o nome do fallecido conde de Fornos de Algôdres, que foi aqui juiz de fóra, bem como se lê ainda nas armas reaes do Cazal, *salvas á destruição*, que havia de estremecer na sua campa, se lá chegassem os echos do *camartello civilisador do sr. Fragateiro!*

Depois d'isto escripto é publico que o sr. Fragateiro fizera e entregara em juizo a sua participação por tentativa de sedição á camara municipal, na praça publica, contra algumas mulheres das ruas dos Lavradores, Almas e Loureiro, acompanhadas de rapazio e commandadas por dois ou tres pescadores, um dos quaes tocava uma buzina, sendo este facto o signal para a sedição, e que esta gente procedia assim para evitar que a camara levasse por deante a concessão feita a Francisco Pereira Carvalho.

Tambem é publico que a participação foi entregue no dia 24, teve promoção e distribuição no mesmo dia, que foram testemunhas os officiaes da camara, Farrapeira e Marques, um neto de Francisco Pereira Carvalho, e um seu official, Semião Bonito, lampianista da camara, Placido Veiga, typographo e redactor do *Ovarense*, intimadas para o dia 25!

E' que o sr. Fragateiro não vê em tudo que se passa, n'aquella manifestação ou tentativa de sedição, como lhe chama, tão casual, tão expontanea, o instincto e a revolta da alma popular contra a *destruição e distribuição illegal e criminosa* que se tem feito dos pinhaes e terrenos municipaes, e só vê um obstaculo para levar a cabo essa *destruição e distribuição:*

Cadeia para essa gentalha, gritam o sr. Fragateiro e seus confrades, senão estamos perdidos, não poderemos levar ávante mais coisa alguma, e é uma vergonha morrer ás mãos d'uns rôtos!!

A'vante, lhe dizemos nós tambem, sr. Fragateiro,—continue o seu caminho—o seu fadario ha de cumprir-se porque está escripto—«*Quousque Deus vult perdere priusquam dementat*».

SECÇÃO LITTERARIA

???

—

O tentar escrever uma chronica sem assumpto que lhe sirva de mote, é realisar um impossivel metaphysico.

Nós podiamos, verdade seja, tomar a politica como pretexto para longas tiradas de prosa; lançar mão d'essa hydra assassina para nos servir de thema a um acervo de phantasias abracadabrantes; narrar os acontecimentos da semana quando ella se nos não recommendou, representa o mais extraordinario de todos os prodigios, põe a nossa pobre individualidade em riscos de passar a outros mundos. Tudo isso é banal e não teria, ao menos, o merito de ser novo. Escrever sem assumpto, faz-nos tiritar como Heliogabalo na latrina, seu derradeiro refugio; faz-nos suar copiosa e burguezmente por todos os pôros, e correr apopleticos a um passeio, onde as folhas do arvoredo pendam

---

Folhetim da FOLHA D'OVAR

(5)

O ultimo sobrinho de Frei Angelo

POR

PROTCHE DE VIVILLE

TRADUCÇÃO DE

AUGUSTO MAXIMO RANGEL

III

—Rezia, diz ella com doçura, mas todavia com firmeza, se recebemos ordem para aboletar militares, promettes-me conservares-te fechada no teu quarto e de não te expores á sua vista debaixo de nenhum pretexto?

—Vós sereis pontualmente obedecido, meu tio, respondeu seriamente a donzella e prompta a recolher-se ao quarto, mas com uma condição, ajuntou ella sem se desconcertar; e é que vós não me occultareis nada do que se passar.

—Está dito, filha,... pódes contar commigo para te pôr ao facto do que houver.

Alguns instantes mais tarde, Thereza, encerrada no seu quarto, repassava no seu espirito tudo o que soubera no decurso d'este dia; pensava, a pobre menina, nas tristes revelações que lhe foram feitas no portal da igreja, depois n'esses exercitos triumphantes que, expulsando os antigos oppressores de seu bello paiz, acabavam de penetrar até na Brescia. O seu espirito deixava a realidade pelos sonhos; já ella via a Italia, em todas as partes victoriosa, impôr as suas leis áquelles que tinham durante tanto tempo abusado d'ella, quando Genoveva appareceu á porta.

A velha parecia atormentada. Acreditar-se-ia que uma grande desgraça lhe tivesse acontecido.

—Que aconteceu, minha boa Genoveva? E' que meu tio...

—Oh! o senhor cura passa perfeitamente, louvado seja Deus, minha senhora!

—Mas então, porque é que eu te vejo tão desconcertada?

—Oh!, minha pobre filha, imagina que temos ogres para sustentar!

Genoveva estava tão perturbada que esquecia que a donzella tinha dezesete annos e que o senhor Bazilio Grispino lhe prohibira, de futuro, tratal-a por tu.

—Ogres... uh! Não os ha senão nos contos de fadas, respondeu sorrindo a donzella.

Genoveva, ferida sem duvida da fórma pela qual eram acolhidas as suas palavras, levantou a cabeça e, cruzando os braços sobre o peito:

—Pois que vos é agradavel, senhora, torcer o pescoço ás vossas gallinhas... nada mais tenho que dizer. Mas devo prevenir-vos que oito não bastarão. São necessarias quatorze... quereis dizer-me onde encontrarei as seis que faltam?

—Vejamos... Que dizes tu das minhas gallinhas? Eu espero não torcer o pescoço a nenhuma d'ellas... Vamos! explica-te claramente, minha cara amiga. Se eu te vexei, perdôa, peço-te mil desculpas, mas com uma condição; é que tu vaes contar-me o caso começando pelo principio. E' o melhor meio de me fazeres comprehender... Causaste-me tal susto!...

—Oh! é bem simples, minha senhora, diz a excellente mulher inteiramente socegada pelo bom e affectuoso olhar de Thereza. Imaginai que são dous; um official e o seu camarada. Perguntei primeiro ao camarada: *Que devo preparar para o jantar?—C'est égal!*—(Seja o que fôr) respondeu-me elle; dirigi-vos ao capitão. Fui ter com o capitão: a mesma pergunta, a mesma resposta: —*C'est égal. Sete galle!* (Sete gallinhas!) Pensai bem n'isto senhora, sete gallinhas! quatorze gallinhas! quatorze gallinhas para o jantar de dous homens. E o senhor cura que não está lá para os fazer entrar na razão...

Que quereis que eu faça, entre estes dous gargantuas, eu que não entendo palavra da sua diabolica lingua. Ereis bem gentil, minha querida menina, visto que sois tão instruida, se lhes escrevesseis uma pequena cartinha com a vossa bonita letra, que não ha mais de oito gallinhas em casa, as quaes estimais muito, e que em todo o caso é impossivel encontrar outras, hoje, em Breschia. *Sette galle!* Meu Deus! Sete gallinhas para um homem a cada comida. Oh! nós estamos arruinados, senhora, arruinadissimas... Mais valia deixar estar os austriacos. Esses ao menos não pediam mais que uma gallinha de cada vez.

—Minhas queridas gallinhas exclamou Thereza, no coração da qual as affeições infantis se revellavam de repente, que não farei eu para vos salvar!

E pegando da penna, escreveu logo ao capitão Berthand advogando encantadoramente os seus volateis.

(*Continúa*)

hirtas e esticadas, sem uma oscillação sequer que denuncie o perpassar suavissimo da fresca aragem appetecida.

Uma collisão d'este calibre constitue um largo poema d'angustias. Mas d'esta vez não são os assumptos que faltam; é o espaço que não sobeja. Ha dias em que o chronista padece torturas infernaes para encontrar um *canevas*, dias medonhos de esterilidade, em que Rezende não dá mesmo nada na politica, no escandalo, na vida mundana ou na vida artistica. E é então precisamente, quando, por um escarneo do zombateiro acaso, o espaço destinado a esta chronica se alonga mais e mais, e cresce e avulta, á medida que os assumptos rareiam e que o chronista, não tendo nada para dizer ou para contar, se vê quasi resolvido a impingir alguma funebre historia de Baudelaire como um repositorio de coisas novas, alegres e doudejantes, como avesitas a esvoaçarem em pleno azul, saudando os primeiros clarões da aurora com um cantico festivo.

Leitor amigo:—lembra-me agora mesmo um bello assumpto:—a noite de hontem passada em Miomães, na casa do meu amigo Antonio Teixeira. Se mais cêdo elle nos affluis se aos bicos da penna, menos embaraçosa teria sido hoje para nós a missão de chronista. Eram 8 horas da manhã. Acabei de almoçar, e depois de vêr quanto restava do dandy Epaminondas Tebano, montei no meu incomparavel rocinante, cheguei-lhe valentemente as esporas e parti para Miomães.

Caro leitor:—não conheces o meu patricio, o elegante picador Macario?... Pois olha, eu n'aquelle momento era-lhe muito superior.

Se o brilhante cavalleiro surgisse n'aquelle instante, e visse aquelle meu garbo de *touriste*, com certeza tremeria ante o seu rival, como Nero tremeu cobardemente ante a ideia da morte. Nem era de esperar outra coisa d'um antipoda involuntario do Epaminondas de Tebas. Depois de uma hora de largo trote, estava eu em Miomães. Antonio Teixeira, alma ingenua e franca, recebeu-me com todo o agrado. Seguiram-se os cumprimentos Augusto Maximo, um bello talento, meu particular amigo, encarregou-se da apresentação dos typos.

—Vês aquelle que está acolá a beber um calix de vinho fino?... E' o Antonio Maximo, o admirador das Pepas da *Niniche*, do *chic*, das Margaridas *loiras*, o gentil apaixonado das *Lérias*.

—E aquelle que está além, a contar uma anecdota?...

—E' o Lemos, um *blaguer* delicioso, que faz mais ditos do que o Cyriaco musica.

—E aquelle outro que conta como fez uma conquista?...

—E' o Paulino, o celebre adorador da Rosa, o intrepido *caballero* que se arriscou a passar por cima d'uma panella d'agua a ferver, por amor de uma Carolina. E' um admiravel personagem de zarzuella.

—E aquelle typo originalissimo que está além sentado ao piano, aquella cara digna da brilhante penna de Paulo de Kock?...

—Aquelle é papa muito fina. E' o Ferreira hi...ppo...pó...tamo!

Parece um homem politico discutindo o rompimento das hostilidades com o Celeste Imperio; parece o admirador da famosa George Sand, em Nohant; assemelha-se áquelle typo que figura nas paginas sublimes e sensibilisadoras da *Indiana*, da *Lelia* e da *Valentina;* parece o auctor da *Religiosa*, collocado muito abaixo do pedestal onde hoje se ergue a estatua da famosa *Baronne* Dudevant, envolta, pelo escopro inspirado de Millet, no seu manto de pedra; emfim, meu Tebano, vaes vêr logo á noite a encyclopedia d'aquelle typo: vaes rir como nunca. E assim successivamente Augusto Maximo me fez conhecido de toda aquella *troupe*.

—Anda commigo beber um calix de vinho... Está dito?...

—Está dito. Vamos lá.

Não tardou muito em que Antonio Teixeira nos destinasse os lugares competentes á mesa do jantar. Correu animadissimo; mas no fim... ai! então é que foram ellas!... O Ferreira e o Lemos! que dois *meninos!*

Bem me dizia o Maximo, que eu havia de rir como nunca. O Ferreira com o seu inseparavel *vitriolo*, e com o seu competente Zé Dias fazendo contracções nervosas com Bernardino Machado, e o Lemos com o seu infindo repertorio de alegres ditos, eram impagaveis, francamente!

Ramalho Ortigão, com a sua maravilhosa penna immersa no tinteiro da critica, executaria, em honra d'estes dois patuscos, uma marcha triumphal de adjectivos. As notas d'essa marcha deixariam Rezende pasmada e boqu aberto!

Os Verdis da imprensa conseguiriam despertar infindos echos.

Chegou a noite. As notas de uma flauta deram signal para uma valsa. O Ferreira tira para par uma gentil menina a quem elle chamava prima. Na dança é elle eximio; é um perfeito A. Lopes. Imagine-se a doida vertigem do Ferreira enthusiasmado, quando a loira menina se apoiava ao seu braço, ruborisada pelo incessante voltear da valsa. Ai, meu patusco, talvez a confundisses com uma gentil andaluza, de mão no quadril e meneio estonteador, e imprimisses aos convidados boquiabertos o choque electrico d'esta formosa canção hespanhola:

Dos besos tengo en el alma
Que no se apartan de mi:
El ultimo de mi madre,
Yel primero que te di.

A ultima impressão é a que fica mais nitidamente impressa no kaleidoscopo do espirito. O Ferreira tinha diabo. Acabada a valsa, então sim; então é que elle começou a desenrolar a sua encyclopedia. As suas bonitas canções hespanholas, a procissão do Senhor dos Passos, o fogo do Calvario, etc., etc., todas aquellas imitações produziram enthusiasmos como fogos d'artificio, *bombas* de palavrões, *valverdes* de adjectivos, *bichinhas* de imagens, *tric-tracs* de adverbios, *balonas* de phrases bonitas. As pessoas que guarneciam a sala pareciam peças de pyrotechnia, feitas pelo Caneco!

Francamente, sendo eu filho de Tebas, e com propensão ao sério, não pude deixar de não rir ás bandeiras despregadas. Bem me dizia o Maximo:—has-de rir como nunca.

Antonio Maximo tocava com toda a valentia o clarim do seu enthusiasmo, o Lemos tocava as castanholas do seu delirio, Antonio Teixeira rufava no tambor da sua admiração e o Ignacio Mattos agitava a pandeireta do seu applauso. Até Augusto Maximo e Jayme se associaram a esta orchestra festival.

O brilhantismo d'aquella diversão encantadora prestava-se a longas narrativas, levando-nos, talvez, a fazer aqui a apresentação, mais pelo miudo, d'este bom patusco, d'este delicioso apreciador do *vitriolo*, d'este verdadeiro artista *d'élite*, para quem foram as honras da noite e os applausos mais phreneticos de todos nós. Porém, resignemo-nos a deixar para mais tarde esta indiscripçãosinha innocente.

Bravo! Ferreira.

Adeus até ao S. João. Para esse tempo quero-te ainda mais fino, ouviste?

Recorda bem o *vitriolo* do Novaes e do José Maria.

Que bôa pinga, não era!

Arre pu... pu...!

Arre com taes hi...ppo...pó...tamos!...

Ainda hoje sentado á mesa sorrio de vez em quando, e repito a meia voz:—Ora o diacho do Ferreira... Ora o patusco do Lemos...

Rezende, 17—4—93.

Epaminondas Tebano.

AMOR, POESIA E DEUS

—

Escuta, virgem: quando a lua adoras,
Nas lindas noites de encantado sonho,
Não sentes n'alma, n'essas breves horas,
Que os anjos buscam teu olhar risonho?

E em tarde amena, quando a leve aragem
Beija de manso teu aureo cabello,
Não sentes, qu'rida, que uma bella imagem
Em ti se inspira do mais casto anhelo?

Depois, ó virgem, palpitante o seio,
Em roseos sonhos, da mais gentil flôr,
Dize, n'esse mysterioso enleio
Não te foge a alma para um céu de amor?

Candida cessêm, quando o mar suspira,
E tu passeias na deserta praia,
Não sentes uns sons d'amorosa lyra
Na branda lympha, que a teus pés demaia?

Se os olhos fitas nos umbraes divinos,
O' nivea pomba, que aspirais aos céus,
Dize, não sentes n'alma uns doces hymnos
Que vão no espaço repetindo—Deus?

Meigo anjo loiro, quando o lyrio falla,
E a rosa inveja teu subtil pallôr,
Ao fogo santo que de ti se exhala,
Que te ensinam? que vêm dizer-te?—Amor!

—Assim o campo, o mar, favonio olente,
O fulgor divinal dos olhos teus;
A terra, a luz, o rouxinol contente...
Tudo respira: Amor, Poesia e Deus!

(Variações, inedito).

Jayme T. Cirne de Magalhães.

NOTICIARIO

«O Minho e Douro»

—

Recebemos o 1.º e 2.º numeros d'este semanario que se publica no Porto, destinado á defeza dos interesses dos empregados dos caminhos de ferro e, como politico, acompanha as ideias republicanas.

E' seu redactor o sr. José Augusto Correia Guimarães.

Agradecemos a visita do novo collega a quem desejamos prosperidades, e vamos estabelecer a permuta.

Serenata

—

Não pôde sahir, como annunciamos, a tuna na quinta-feira, pelo mau tempo.

E foi pena porque mesmo apesar da chuva, vento forte e trovões d'esse dia, as leitoras esperavam os rapazes—tocadores. Que amor por... serenatas o das nossas patricias!

Mas com certeza—salvo mudança repentina do tempo—hoje o nosso Alves, com a sua rapaziada, vem á rua executar musicas bonitas, ternas, doces, capazes de apaixonar a alma do ouvinte.

Ninguem falte a acompanhar hoje a *tuna* se querem ouvir a «Hespanha» completa executada brilhantemente, especialmente por parte dos violões!

A's 8 e meia ouvido attento—a rebeca dará signal *chira-bira, chira-bira bira bira.*

Notas á pressa

—

Passou sabbado n'esta villa o nosso prezado assignante, sr. Cesar Augusto Ferreira, d'Aveiro, partindo no comboyo da noite para aquella cidade.

—O nosso amigo Arthur Valerio foi passar o domingo e segunda-feira ao Porto... tomar ares.

Trouxe bastantes saudades da *invicta*.

Sentimos.

—Vae ser impresso e posto á venda o brilhante discurso relativo á venda da Estrumada proferido pelo nosso collega do *Ovarense*, (perdão do *Povo d'Ovar*), sr. Fragateiro.

—Tem estado incommodado o nosso amigo, sr. Manoel Joaquim Rodrigues, do Outeiro.

Melhoras rapidas.

—Deu á luz no domingo uma creança a digna esposa do nosso velho amigo José Rodrigues Figueiredo.

Parabens.

Baptismo

—

Foi baptisada no sabbado uma filhinha do sr. Abel de Pinho.

Foi padrinho o ex.mo sr. Eduardo Augusto Marques, medico naval.

Sua ex.a partiu para Lisboa no domingo, acompanhado de sua ex.ma esposa.

Desastre

—

Hontem, pelas 2 horas da tarde, deu-se uma grande desgraça n'uma casa que anda em construcção nas Pontes.

Um pobre operario, Antonio Coelho, do Couto de Cucujães, cahiu d'um andaime á estrada, ficando com uma perna fracturada e o craneo esfacellado.

Vimol-o no hospital, para onde foi removido o desventurado, e causava horror o estado do infeliz.

Chronica do tribunal

—

Foi hontem julgado em policia correcional o grande *Finura*, accusado de, ter chamado uns nomes feios aos empregados da camara.

O snr. juiz condemnou-o em 10 dias de *xelindró*, remidos a 100 réis por dia, custas e sellos.

De nada lhe valeu a *finura*.

CHRONICA

CANÇÕES D'UM TRISTE

—

Um rapaz da minha muita sympathia, embora de apoucadas relações, que Ovar moderno conhece, uma santa creatura que veio a este mundo sómente para padecer (coitadito!), escolheu o meu coração (infeliz escolha) para deposito e desafogo de paixões, epilogo dos seus amores inditosos.

Rendi-me, commiserado, ao pedido do triste moço, prometti chamal-o ao conforto, ao esquecimento, e passei, seguidamente, a ouvir parte da sua historia tão despedaçadora, tão commovente, que entendo dever gravar-a na chronica.

Difficilmente e muitas vezes—principiou assim o *apaixonado*—faço-me a pé, bem cedo, para gosar as lindas madrugadas d'abril; o ar purificante, suave; as canções enternecidas dos passaritos de mistura com a voz pauzada e branda, fresca e sã que ouço além, da alegre moçoila, aguilhoando o humilde boi e carregando no arado para mais perfeição no revolver do campo a cultivar.

Não é sem custo, diz, que resisto ao delicioso somno da manhã, tão delicioso como o teu sorriso innocente, ó minha «bem-amada»!

E como desperto tão cedo, cedo demais algumas vezes, quando o rouxinol, o primeiro clarim das alvoradas dorme ainda, innocentemente, na frondifera larangeira?

E' que—continuava, soluçando—em sonhos, nos meus sonhos constantes, vejo sempre um anjo de azas brancas, cabello d'oiro, cheio de meiguice, de candura e arrebatamento o olhar, á flôr dos delicados labios, carmim puro, aquelle riso feiticeiro.

E quando maior e mais prazer era o meu na admiração d'esse anjo, da «bem-amada», elle desapparecia...

—Como?—interroguei logo.

— Segredos impenetraveis dos sonhos...

E é então sobresaltado, afflicto com aquelle esvaecimento instantaneo, bramando—ingrata! ingrata! não me deixes, não cuspas assim nos meus protestos d'amor por ti acceites! que me surprehende a realidade, a triste, a negra realidade—é então que accordo e cedo, cedo demais algumas vezes, quando o rouxinol, o primeiro clarim das alvoradas dorme ainda, innocentemente, na frondifera larangeira.

E continuou a historia dos seus amores infelizes esse rapaz, essa creatura que veio a este mundo só para padecer.

Coitadito...

Quão differente, mil vezes differente, o meu pensar, relativo a *amores*, ao do rapaz da minha sympathia!

Eu sou realista e tanto basta.

—Gosta de mim, minha *pombinha?* pergunto algumas vezes.

—Não e não, sr. Jayme.

—Não? Volto costas á *pomba* e dou uma gargalhada.

Ella ruborisa-se pela mofa, (muito pudibundas as minhas gentis patricias!) e vocifera a palavra mal sonante—*asno*.

—Ingrata!... continúo, ironicamente, e rio...

Eu rio sempre; hei-de morrer a rir, e a rir corresponderei ás vossas lagrimas, minhas leitoras, quando o padre acabar o *latinorio* á beira da minha sepultura e o coveiro cobrir o meu doce corpo com terra e disser—amen.

* * *

Previno a leitora que esteja á janella sem falta, hoje; o meu amigo João Alves diz-me em um bilhete:—«Participa na tua chronica que hoje sahe a tuna.—Teu do coração, *João Alves.*»

Eu sou informado de que muitas leitoras passaram a noite de quinta-feira bem mal: recolheram ao leito bastante tarde, pensando ouvir o Alves a tocar rebeca.

A culpa teve-a o tempo. Lá se avenham com elle e... paciencia.

Haje, sem falta, grande serenata.

Deus promette mandar noite linda.

Jayme.

CORRESPONDENCIAS

Ruivães de Sinfães

Vae alta a lua... e o meu amor sem vir...

Chagas não chegou, e os correligionarios, fulos porque tinham perguntado a partida n'uma d'estas madrugadas, e até á hora que escrevo ainda não tiveram parte official. Tudo lhes anda ao contrario.

Perdão, ao contrario não, porque ao seu grão mestre nada é difficil... porque, se fôr, recorre ao Grande Oriente de França!!! Oh! meu nobre amigo, que quer dizer isso do Grande Oriente de França? Olhe: é porque lá é que teve principio a egreja protestante e... e parece-me que por alli .. ha umas ramificações.—Isso não póde ser, porque a ser assim—então que valeram os sermões de Frei Chagas?

Pois sim, sim, mas olhe que alli ha cousa, ha!!...

Pois olhe, meu fidalgo, não sabe que elles não pódem encarar a cruz nem padres? Mas a culpa é dos nossos governos...

Pois muito bem; por hoje, passar bem, seu Juca.

O Lucider de Sinfães, que solte a lingua e depois queixae-vos... ou então o atrevido linguareiro do José Farellos—o apreciador da má lingua, que tambem é uma bisca...

Zé da Coixa Torta.

ANNUNCIOS

A COMMERCIAL

Companhia de seguros contra fogo

Antonio de Souza Campos, com loja de fazendas nas Pontes, d'esta villa, toma seguros contra fogos aqui e no Furadouro.

Preços rasoaveis.

Recebeu grande sortimento de fazendas proprias da estação.

Os preços são baratissimos.

Vejam e verão.

PREVENÇÃO

Joaquim Merceneiro, com officina na rua da Praça, previne os seus freguezes que despediu de sua casa o official José Coelho dos Santos.

Ovar, 12 d'abril de 1893.

Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc., para limpeza dos dentes.

E. Zagallo de Lima — Praça, 63

AGRADECIMENTO

A familia ausente e presente da fallecida Joanna de Oliveira Duarte, agradecem por este meio a todas as pessoas que os visitaram, e lhe enviaram bilhetes de pezames.

Ovar, 5 de Março de 1893.

Companhia de Seguros
INDEMNISADORA
AGENTE EM OVAR
Ernesto Augusto Zagallo de Lima
PRAÇA, 63

EDITORES—BELEM & C.ª—LISBOA

A VIUVA MILLIONARIA

ULTIMA PRODUCÇÃO DE

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal, A Martyr, O Marido, a Avó, A Filha Maldita* e a *Esposa*, que teem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicação está terminando em Pariz, centro principal de todo o movimento literario contemporaneo, tem sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais e mais tem engrandecido e exaltado a reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca EMILE RICHEBOURG provou tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escripto até hoje, e está evidentemente destinado a tomar logar proeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados da actualidade.

A empreza, que procura sempre com o maior escrupulo corresponder dignamente ao favor dos seus assignantes, espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez se atreve a solicitar.

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a

Vista da Praça de D. Pedro

EM LISBOA

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 11 côres, copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjuncto. Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

Brinde aos angariadores em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas.

Condições d'assignatura: —Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginaas 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é a custa da Empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

A empreza considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por mais de tres assignaturas.

A commissão é de 20 p. c., e sendo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA, onde se requisitam prospectos.

Acceita-se correspondente n'esta localidade.

Imprensa Civilisação

LARGO DA POCINHA, 73 A 77 (RUA DE SANTO ILDEFONSO)

PORTO

Impressão nitida, prompta e por preços modicos de facturas, bilhetes de loja, circulares, mappas, obras de livro impressos para associações de soccorros, assim como de todo e qualquer trabalho typographico

CARTÕES DE VISITA A 160 200, 240 e 300 RÉIS O CENTO

Livros para registo DE HOSPEDES

E **Relações dos mesmos** que os proprietarios dos hoteis são obrigados a enviar todos os dias ao commissariado de policia. Vendem-se na

Imprensa Civilisação
73 — LARGO DA POCINHA — 77

OFFICINA ROLHEIRA
DE
ROSA PEREIRA DA ROCHA
Viuva (Morgada)
Rua de Santa Marinha, 27
Villa Nova de Gaya

N'esta officina encontra-se sempre á venda toda a qualidade de rolhas, batoques de differentes tamanhos, etc.

Esta officina, a mais antiga n'este genero, satisfaz com o maioe escrupulo e maxima promptidão, toda e qualquer encommenda que lhe seja feita, garantindo a boa qualidade da cortiça e perfeição do trabalho.

EMILIO PIMENTEL

Sciencia dos Seculos

Obra illustrada, em 5 volumes

A *Sciencia dos Seculos* será distribuida, no Porto e em Lisboa, aos fasciculos de 32 paginas, ou 24 e uma estampa, pelo modico preço de 50 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias a remessa será feita aos fasciculos de 64 paginas ou 48 e duas estampas, custando cada fasciculo 100 réis, franco de porte.

Recebe-se assignaturas nas principaes livrarias do reino. Toda a correspondencia deve ser dirigida, franca de porte, ao editor da *Sciencia dos Seculos*, rua de D. Pedro, 184 —Porto.

CARTÕES DE VISITA

A

160, 200, 240 e 300 réis

Na Imprensa Civilisação.

BILHETES DE LUCTO
para agradecimento

Enviam-se pelo correio, a quem enviar a sua importancia adeantadamente.

Largo da Pocinha 73 a 77

Cartonagens

Amendoas, Livros de Missa e Semana Santa

NOVIDADE

Cerveja **DANUBIA** e **BOCK-BIRR.**

Grande sortido de mantas, regatas, plastrons e lavaliers.

Vinhos finos da Companhia e de outros armazens, desde 100 a 1$500 réis.

SILVA CERVEIRA

LOJA DO POVO

63 — PRAÇA — 63

OVAR

CATALOGO DAS OBRAS

A' VENDA NA

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77 — PORTO

Dramas, comedias e scenas-comicas

Cynismo, scepticismo e crença, Cesar de Lacerda, comedia-drama original em dois actos (2.ª edição) 300
O captivo, (do mesmo auctor), canção original 50
Henriqueta, a aventureira, (do mesmo auctor), drama em 5 actos, com o retrato da heroina e 4 gravuras representando as principaes scenas do drama 400
Os homens que riem, (do mesmo auctor), comedia em 3 actos 400
Homens e feras, (do mesmo auctor), drama em 1 prologo e 3 actos 400
Os viscondes d'Algirão, (do mesmo auctor), comedia original em 3 actos e 1 prologo dividido em 2 quadros . . 400
O poder do ouro, por Dias Guimarães, drama em 4 actos . 500
O Condemnado, (do mesmo) drama em 3 actos e 4 quadros 400
Theatro comico—Entre a flauta e a viola—A morgadinha de Val d'Amores, (do mesmo auctor) 400
A Judia, por Pinheiro Chagas, drama em 5 actos 400
Magdalena, (do mesmo auctor), drama em 4 actos. . . . 400
Helena, (do mesmo auctor), comedia em 5 actos. . . . 400
No palco (monologos e dialogos em verso) por Raul Didier, 1 volume 400
Dá cá os suspensorios, (do mesmo auctor), comedia em um acto 100
Villão, o fugitivo da cadeia do Porto, (do mesmo auctor), comedia-drama em 3 actos . 200
Ambos livres, por Antonio de Sousa Machado, comedia em 1 acto. 100
Os homens de bem, por Antonio Correia, drama original em 5 actos 300
Tribulações d'um marido, por João Coutinho Junior, scena comica original 100

Contos e historias diversas

O verdadeiro livro de S. Cypriano, traduzido do original por N. C. D.—Primeiro e segundo livro com estampas coloridas 500
Arte para curar bois, vaccas, borregos, porcos, cabras e outros animaes 60
Malicia e maldade das mulheres e a malicia dos homens 40
Historia dos tres filhos, ou o gato das botas. 20
O noivado do sepulchro (ballada). 20
Auto da *Muito Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo*, conforme a escreveram os quatro Evangelistas 60
Auto de *Santa Barbara*, virgem e martyr, filha de Dioscoro, gentio, em que fallam Santa Barbara, tres pedreiros, Dioscoro, pai de Santa Barbara, um anjo, dous doutores, Marciano, um alcaide, e um ancião 40
Acto intitulado *Apartamento da Alma*, em que se contém duas obras admiraveis novamente dadas á luz: — A primeira contém uma pratica sentida entre o corpo e a alma, e a segunda o Rosario da Virgem Santissima 40
Auto de *Santa Catharina*, virgem e martyr, filha do rei godo de Alexandria, em o qual se conta seu martyrio e glorioso fim 40
Auto do *Dia de Juizo*, no qual fallam S. João, Nossa Senhora S. Pedro, S. Miguel, um Seraphim, Lucifer, Satanaz, David, Absalão, Urias, Caim, Abel, Dálilo, um villão, um tabellião, um carniceiro, uma regateira e um moleiro . . 40
Auto de *Santo Aleixo*, filho de Eufemiano senador de Roma 40
Auto de *Santo Antonio*, livrando seu pai do patibulo . . 40
O Judeu errante (historia biblica). 20

Porto—IMPRENSA CIVILISAÇAO — Largo da Pocinha, 73-77